



Trabalho 378

AS PRÁTICAS SEXUAIS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS E A PREVENÇÃO DE DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Thelma Spindola¹; Maria Regina Araujo Richerte Pimentel²; Elizabeth Rose Costa Martins³; Haisa Borges d'Amaral⁴; Lais Andrade Rosa⁵; Raquel de Oliveira Wilken⁶;

Introdução – Os jovens são a parcela da população mais exposta às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) em função da descoberta e iniciação sexual, ocasião em que praticam sexo inseguro ficando vulneráveis em contrair doenças. De acordo com dados do Ministério da Saúde no período de 2000 a 2006 foram registrados 19.793 casos de AIDS em jovens com idades entre 13 e 24 anos, representando 80% dos casos notificados.¹ Historicamente as DST sempre representaram um problema de saúde pública mundial, mas foi com o surgimento da pandemia de Aids e mudanças no panorama político brasileiro, que a sociedade civil se mobilizou para reivindicar políticas públicas que visassem conter o avanço da epidemia. Esse movimento social teve papel inegável nas articulações que culminaram com a criação do Programa Nacional DST/Aids, atualmente Departamento Nacional DST, Aids e Hepatites Virais, e com a implementação das ações de prevenção e assistência.² O advento da Aids no cenário epidemiológico mundial tem sido responsável por mudanças significativas no campo da saúde, trazendo consigo a discussão acerca de comportamentos sexuais, associados a crenças, valores e mitos, por tratar-se de uma doença relacionada com a sexualidade.³ Pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde em seis capitais brasileiras, no ano de 2005, denominada “*Estudo de Prevalências e Frequências Relativas das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) no Brasil*”, constatou que a prevalência de infecção pelo HPV é elevada e afeta fundamentalmente os adolescentes e jovens, sendo inferido que a infecção é contraída no início das relações sexuais. A prevalência da infecção pelo papilomavírus humano (HPV) é elevada em ambos os sexos, entretanto na população masculina predominam os tipos de médio/baixo risco e nas mulheres os de alto risco. Na população jovem observaram-se as maiores taxas de infecção gonocócica e por clamídia, em relação à sífilis, ao HIV e ao vírus da hepatite B (HBV) foram encontrados nas pessoas de idades mais elevadas.⁴ Considerando que a população que ingressa nas universidades é constituída majoritariamente por jovens com idades oscilando entre os 17 e 24 anos, como, também, a alta vulnerabilidade deste grupo às DST acreditamos ser relevante investigar os hábitos, crenças e práticas sexuais deste contingente populacional. **Objetivos** – Conhecer as práticas sexuais dos jovens universitários e as atitudes relacionadas à prevenção de DST. Identificar os hábitos e práticas sexuais dos jovens e a percepção de risco para as DST. **Descrição metodológica** – Estudo exploratório, descritivo, quantitativo⁵, realizado em uma instituição pública de ensino superior, localizada no município do Rio de Janeiro, após a aprovação do CEP institucional com o número 058.3.2012. Foram respeitados todos os procedimentos éticos preconizados na resolução 196/96/CNS. O conjunto amostral foi composto por 81 estudantes de graduação em enfermagem, maiores de 18 anos, escolhidos aleatoriamente do total de alunos matriculados

¹ Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Adjunta da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Email- tspindola.uerj@gmail.com

² Enfermeira. Doutoranda em Enfermagem. Professora Assistente da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

³ Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Adjunta da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

⁴ Graduanda da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista de Extensão da UERJ.

⁵ Graduanda da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista de Iniciação Científica da FAPERJ.

⁶ Graduanda da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista do Programa Proiniciar da UERJ.



Trabalho 378

no referido curso. Os jovens responderam um questionário autoaplicativo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no período de abril a maio de 2013. Os achados foram tabulados, organizados pela aplicação da estatística descritiva, em frequência absoluta e percentual, com auxílio do Microsoft Excel 2003 e analisada à luz do referencial teórico.

Resultados – Os jovens investigados apresentam a seguinte caracterização – faixa etária entre 20 e 25 anos (67,9%); sexo feminino (90%); só namoram (66%); e moram com os pais (74%). Em relação às práticas sexuais – já tiveram relação sexual (71%); primeira relação sexual entre 15-19 anos (56%); não praticam sexo de forma segura sempre (43%); usaram preservativo no primeiro contato sexual (51%); tiveram relação sexual com parceiro fixo nos últimos 12 meses (70%); não usaram preservativo nas relações com parceiros fixos nos últimos 12 meses (39%); consideram ter todo conhecimento necessário acerca das DST/Aids (51%); não conhecem as formas de transmissão de todas as DST (55%); acreditam que a relação sexual sem preservativo favorece a exposição à Aids, Sífilis, Gonorreia e Hepatite (64%); e que o uso do preservativo é a melhor maneira de prevenir a ocorrência da Aids (100%).

Conclusão A realização do estudo permitiu-nos identificar as práticas sexuais dos estudantes de enfermagem, tendo-se verificado que a maioria das jovens não pratica sexo de forma segura sempre e, embora 70% tenham tido relação sexual com parceiro fixo nos últimos 12 meses, 39% não fez uso do preservativo. Denotam conhecimento sobre modos de prevenção de uma DST, entretanto não conhecem as formas de transmissão de todas as doenças sexualmente transmissíveis. A prática do sexo inseguro torna as jovens vulneráveis em contrair doenças. É oportuno considerar o enfoque de gênero nestes achados e que a preservação da saúde sexual e reprodutiva das jovens está associada à negociação do sexo com os parceiros e ao uso do preservativo.

Contribuições/ implicações para a enfermagem O estudo contribui para o cuidado de enfermagem e educação em saúde da população jovem, sendo discutida a sexualidade e a adoção de práticas sexuais seguras dos estudantes universitários com vistas à prevenção da ocorrência de doenças sexualmente transmissíveis.

REFERÊNCIAS

1. Ministério da Saúde (Br). Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2010.
2. Mendonça PME, Alves MA, Campos LC. Empreendedorismo institucional na emergência do campo de políticas públicas em HIV/Aids no Brasil. RAE-eletrônica. 2010; 9(1): (Art. 6). Disponível em: <www.scielo.br/pdf/raeel/v9n1/v9n1a7.pdf>
3. Portal da Saúde [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde (BR) [citado 2012 nov 12]. Aids vinte anos - esboço histórico para entender o programa. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/data/pages/lumisbd1b398ditemidcf21498585db4d9f8f812b75b92305daptbrie.htm>.
4. Ministério da Saúde (Br). Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. Prevalências e frequências relativas de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) em populações selecionadas de seis capitais brasileiras, 2005 / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Programa Nacional de DST e Aids. – Brasília: Ministério da Saúde, 2008. Disponível em: bvsms.saude.gov.br/bvs/.../prevalencia_frequencia_relativas_dst.pdf
5. Polit DF, Beck CT, Hungler BP. Fundamentos de pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2004.

DESCRITORES – Promoção da saúde; Prevenção de doenças; Doenças sexualmente transmissíveis.

EIXO II - Interfaces da Enfermagem com práticas profissionais e populares de cuidado em saúde.